

28/11/2019

Visto azul, porque eu sou é homem! Por que eu sou é homem? Diego de Oliveira Souza

[Doutor em Serviço Social/UERJ. Professor do PPGSS-UFAL/
Maceió e da graduação em Enfermagem/UFAL/Arapiraca]

“Meninos vestem azul e meninas vestem rosa?”

Nos meses de outubro e novembro, a cada ano, o Sistema Único de Saúde (SUS) se traveste dessa inócua perspectiva de gênero. Com isso, além de reproduzir ideários estereotipados de feminilidade e masculinidade, essa estratégia de colorir os meses do ano para focalizar nisso ou naquilo está, muitas vezes, a serviço do marketing de Secretarias (municipais ou estaduais) e instituições (públicas e privadas) de Saúde, mas com pouco alcance ante o processo saúde-doença dos brasileiros. Não queremos deixar de reconhecer o esforço e voluntarismo de nobres profissionais de saúde que se empenham nas campanhas. Até mesmo porque alguns conseguem êxito em ações pontuais, mas com pouca organicidade perante a totalidade do processo e a dinâmica do sistema de saúde. Em particular, o mês de novembro tem sido o momento para dar evidência à Saúde do Homem, uma questão que, de fato, foi (e ainda é) negligenciada no processo de institucionalização do SUS. Desde meados dos anos 2000 e, em especial, em 2008/2009, com a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (PNAISH), minimizou-se essa negligência, quando se trouxe aspectos importantes desse campo para o horizonte do SUS, até mesmo perpassando a discussão de gênero. Todavia, mais uma vez, como uma onda avassaladora, o modelo biomédico preenche esse horizonte com a sua peculiar mesquinhez, reduzindo o homem, sobremaneira, à próstata e, quando muito, ao pênis. A nosso ver, pintar novembro de azul e dar evidência, por exemplo, a ações de prevenção do câncer de próstata não chega ao âmago da problemática, ainda que tenha alguma importância. Nessa perspectiva, pouco se questiona sobre os fundamentos da masculinidade forjada sobre a ideia de macho provedor, forte, dominador e que, portanto, não pode demonstrar fragilidades, sob pena de ter sua virilidade e tudo aquilo que lhe define, social e convencionalmente, caindo por terra. E, nesse processo, sem nenhuma derivação linear, constatar que, não raramente, procurar por assistência de saúde seja uma pedra no caminho da construção da masculinidade almejada.

Essa perspectiva atua como um sistema abstrato de dominação, com artifícios ideológicos construídos através dos anos e que se reproduz sem que percebamos, desde as pequenas ações cotidianas até as mais absurdas políticas e diretrizes institucionais, todas atravessadas por ideias machistas, sexistas e misóginas.

É preciso se desprender do cotidiano, fazer uma profunda reflexão, para além dos interesses individuais, para, quem sabe, perceber que a perspectiva que coloca a feminilidade e todas as outras variações de gênero sob o jugo da masculinidade, sob sua opressão e dominação, acaba por limitar o desenvolvimento humano de todos aqueles que estão fora dessa convenção, haja vista as desigualdades que acometem mulheres, gays, travestis etc. Em alguma medida, essa condição gera uma insistente limitação à humanidade em geral, inclusive para os próprios homens, porquanto, por exemplo, a negligência de sua saúde esteja ligada a essa perspectiva. Assim, intervir nas raízes da questão da saúde do homem, da mulher etc., pressupõe recuperar uma outra perspectiva de gênero, na qual os gêneros particulares sejam entendidos como manifestações do gênero humano (emancipado de toda e qualquer forma de exploração e dominação) e, não, circunscrito a um processo que subordina ou oprime essa ou aquela forma particular da genericidade humana se efetivar.

A categoria gênero deve ser alçada ao patamar de mediação pela qual as diferenças sejam propulsoras do pleno desenvolvimento humano (inclusive, da saúde) e, não, obstáculos. Talvez assim enxerguemos um pouco mais do que a próstata e percebamos que os homens possuem etnia, classe social, cultura, formas diversas de expressar a afetividade, a sexualidade (para além do sexo), a humanidade!

Enquanto o que entendemos como masculinidade trilhar o caminho ilusório da superioridade sobre outros gêneros, reproduzindo as ideias e as ações de opressão e violência, a saúde do homem continuará, aos novembros, vestindo sua camisa azul e, quase que solitariamente, tentando chamar a atenção para a próstata, “sem ver rastro de cobra, nem couro de lobisomem”, mas insistindo em dizer “porque eu sou é homem, porque eu sou é homem” e, talvez, sem nem saber que “se correr o bicho pega, se ficar o bicho come”.

Quem sabe, vestindo todas as cores, em outra perspectiva, saberá que “se juntar, o bicho corre” e, assim, coletivamente construir uma força social capaz de efetivar ações de saúde (do homem, da mulher, do trabalhador etc.) em todos os meses! ■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.